



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

MARIANA RODRIGUES DE MACEDO SILVA

**AS DIFERENÇAS DAS FORMAS DE TRATAMENTO DOS REFUGIADOS DA
EUROPA VS. ORIENTE MÉDIO: Uma análise da crise dos refugiados da Síria e
da Ucrânia**

**BRASÍLIA
2022**

MARIANA RODRIGUES DE MACEDO SILVA

**AS DIFERENÇAS DAS FORMAS DE TRATAMENTO DOS REFUGIADOS DA
EUROPA VS. ORIENTE MÉDIO: Uma análise da crise dos refugiados da Síria e
da Ucrânia**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador: Professor Luciano da Rosa Muñoz

**BRASÍLIA
2022**

MARIANA RODRIGUES DE MACEDO SILVA

**AS DIFERENÇAS DAS FORMAS DE TRATAMENTO DOS REFUGIADOS DA
EUROPA VS. ORIENTE MÉDIO: Uma análise da crise dos refugiados da Síria e
da Ucrânia**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador: Professor Luciano da Rosa Muñoz

Brasília, de de 2022.

BANCA AVALIADORA

Professor Luciano da Rosa Muñoz (Orientador)

Professor(a) Avaliador(a)

DIFERENÇA DAS FORMAS DE TRATAMENTO DOS REFUGIADOS DA EUROPA VS. ORIENTE MÉDIO: Uma análise da crise dos refugiados da Síria e da Ucrânia

Mariana Rodrigues de Macedo Silva

RESUMO

O presente artigo visa analisar e refletir sobre os obstáculos enfrentados pelos refugiados do Oriente Médio (Síria) na questão do seu tratamento em comparação com os refugiados europeus (Ucrânia). Desse modo, será possível mostrar como a teoria pós-colonialista apresenta argumentos válidos que explicam como o colonialismo influencia essa disparidade do tratamento recebido por pessoas de diferentes nações. Observar como a questão da religião, etnia e localidade impacta no modo como serão recebidos ao estarem em situação de refúgio, além de apresentar como os mesmos tratados internacionais sobre refugiados podem ser aplicados de maneiras diferentes. Da mesma forma, exibir como as guerras e as pessoas são expostas de maneiras e em quantidades diferentes pela mídia. Tendo como base as informações apresentadas, o foco do artigo será colocar uma luz nessa assimetria e mostrar que, mesmo existindo leis que garantem o mesmo tratamento, o prejulgamento para com essas etnias/religiões ainda é predominante no mundo ocidental.

Palavras-chave: refugiados; Síria; Ucrânia; teoria pós-colonialista.

ABSTRACT

This article aims to analyze and reflect on the obstacles faced by refugees from the Middle East (Syria) in terms of their treatment compared to European refugees (Ukraine). In this way, it will be possible to show how post-colonialist theory presents valid arguments that explain how colonialism influences this disparity in the treatment received by people from different nations. It's possible to observe how the issue of religion, ethnicity and locality impacts the way they will be received when they are in a situation of refuge, in addition the article will present how the same international treaties on refugees can be applied in different ways. Likewise, showing how wars and people are exposed in different ways and in different amounts by the media. Based on this information, the focus of the article will be to shed light on this asymmetry and show that, even with laws that guarantee the same treatment, prejudice towards these ethnicities/religions is still predominant in the Western world.

Keywords: refugees; Syria; Ukraine; post-colonialist theory.

INTRODUÇÃO

No decorrer da história sempre existiu uma disparidade e preconceito entre diferentes culturas, principalmente quando se trata da questão oriente versus ocidente. Uma das maneiras que isso pode ser observado na atualidade é pelo tratamento dado a refugiados de nações distintas. Diversos países do Oriente Médio vivem em situação de guerra, e por esse motivo milhões de pessoas dessa região já tiveram ou ainda tem a necessidade de sair de seu país de origem a procura de refúgio, contudo o que encontram está longe da realidade desejada. Refugiados dessa parte do mundo logo se deparam com um tratamento que pode ser comparado a de um criminoso. O ocidente os julga como tal pois esses indivíduos não possuem uma cor, religião e nacionalidade caracterizada como “ideal”.

Tendo como o foco a Síria que está vivendo uma guerra civil desde 2011, é possível observar como os seus refugiados são tratados de forma precária, sendo ambos a sua situação e repercussão da guerra bem distintas do foco que foi dado para a atual guerra da Ucrânia que teve o seu início em 2022. Com certeza as pessoas das duas nações passaram por imensas dificuldades, contudo somente uma delas causou uma grande comoção internacional e pode ter abrigo seguro e sem julgamento em diferentes países. Fazendo com que a tentativa de recomeçar uma nova vida longe da guerra para esses refugiados do Oriente Médio seja extremamente dificultada ou até mesmo impossível.

Tendo como foco os pontos apresentados anteriormente, o presente artigo visa analisar a diferença do tratamento dos refugiados do Oriente Médio em comparação com os da Europa. Expondo como mesmo com toda a evolução feita pela sociedade internacional, por meio do Direito Internacional dos Refugiados e por todas as convenções, para garantir uma maior igualdade, ainda é muito comum deparar com preconceito étnico e religioso, principalmente com relação a pessoas em situação de refúgio.

A primeira seção do artigo tem como objetivo fazer uma introdução ao conceito de refúgio; apresentar a história de como o Direito Internacional dos Refugiados foi desenvolvido e como ele é aplicado nos dias atuais; e também mostrar como a teoria Pós-colonialista pode explicar a existência da diferença de tratamento pela contínua presença do colonialismo nas políticas ocidentais.

A segunda seção traz o contexto histórico da guerra na Síria e também apresenta o tratamento dos refugiados sírios na Polônia. A terceira seção apresenta o contexto histórico da guerra na Ucrânia e o modo como seus refugiados foram acolhidos. E uma quarta seção apresenta os diferentes modos de cobertura da guerra pela mídia. Por fim, após finalizar a leitura do artigo é esperado um maior entendimento dos motivos pelos quais os refugiados são tratados de maneiras diferentes e como as atitudes governamentais dos Estados são as principais responsáveis por tal tratamento.

1 CONCEITO DE REFÚGIO

Ao longo dos anos, com o aumento do número de migrações e consequentemente com um maior desenvolvimento de conflitos, se deu início ao processo do avanço do conceito de refúgio. Depois de passar por duas grandes guerras com consequências devastadoras, e com a formação da Organização das Nações Unidas (ONU) por meio de bases da Liga das Nações, a comunidade internacional percebeu a necessidade de não somente aumentar a segurança dos países, mas também a da sua população seguindo a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). Foi por esse e outros motivos que uma mobilização foi realizada em 1950 para fundar o Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, mais conhecido como ACNUR (SILVA *et al.*, 2021).

Contudo, progressos significantes para a definição do conceito de refugiado somente começaram no século XX, quando os russos fugiram em busca de refúgio devido a situação em seu país ao terem que lidar com todas incertezas políticas e econômicas que aconteciam em virtude da liderança da União das Repúblicas Socialista Soviéticas. Nessa época seu refúgio foi promovido pela Cruz Vermelha com a ajuda da Liga das Nações, dando início assim a proteção internacional dos refugiados (JUS, 2018).

Ao decorrer do tempo, foram desenvolvidos diversos conceitos caracterizando o refúgio. Segundo o ACNUR o conceito de refúgio pode ser definido como a perseguição de determinados indivíduos que necessitam se deslocarem do seu país de origem por motivo de sua raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo nacional, opção política, conflitos armados ou até mesmo violação dos direitos humanos, sendo assim a pessoa que procura refúgio não está

segura em seu próprio país, necessitando sair em busca de segurança em outro Estado.

Observa-se então que, quando um grupo de pessoas habitam em um país que impossibilita o acesso a necessidades básicas, dificultando a sua sobrevivência, a única maneira de garantir segurança é por meio do refúgio em outro país. Deste modo, percebe-se que o refugiado é diferente do imigrante que se desloca com o objetivo de melhores condições de vida, pois quando suas necessidades são negligenciadas ele se desloca para conseguir adquirir um mínimo de qualidade de vida (PARK, 2015).

1.1 Direito Internacional dos Refugiados

A aplicação de um determinado Direito Internacional, seja qual for a área designada, é um processo lento que necessita de diversos anos e acontecimentos para ser enfim executado, e com o Direito Internacional dos Refugiados não seria diferente. Deste modo, vários indivíduos que precisaram de refúgio e sofreram grandes consequências serviram de exemplo para a comunidade internacional e tornaram o problema real, criando uma demanda para que o Direito Internacional dos Refugiados se tornasse uma realidade. Contudo, houve um caminho longo até a chegada do direito atual, principalmente pelo fato de existir enorme preconceito por parte dos países ocidentais.

No quesito do atual Direito Internacional dos Refugiados, observa-se que ele é formado em partes pela Convenção de 1951 e pelo Protocolo de 1967. A Convenção de 1951 foi celebrada pela ONU por meio da atuação do ACNUR, contudo estava longe de ser perfeita, com a predominância de países ocidentais e consequentemente possuindo um maior número de votos. Durante esse período, existia uma grande onda de refugiados indo para o território europeu, por esse motivo a convenção disponibilizou a escolha de uma reserva geográfica, sendo assim países europeus tinham a escolha de aceitar somente refugiados do seu continente, o que fazia com que refugiados de países menos desenvolvidos carecessem de território para refúgio, sendo essa uma das questões mais problemáticas desta convenção (JUBILUT, 2007).

Todavia, também existiam outras adversidades nesta convenção, sendo uma delas o fato de não incluírem direitos sociais, econômicos e culturais como questões

de refúgio, ou seja, mesmo existindo grupos de indivíduos que corriam risco de vida em seus próprios países, eles não podiam ir em busca de refúgio porque suas questões não eram constatadas. Isso se dá pelo fato de que esse tipos de problemas acontecerem predominantemente em Estados de menor desenvolvimento, e por esse motivo são excluídos pelos Estados Ocidentais, com o objetivo de não aumentarem o número de refugiados de Estados que não faziam parte desse círculo. Ela também não estabelecia um órgão internacional responsável pelo refúgio, deixando para que os Estados fizessem a sua própria aplicação. Contudo, o maior de seus problemas foi a não aplicação do direito de asilo lato sensu apresentado na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948¹, dado pela razão de não desejarem a imposição de quais estrangeiros deveriam ser aceitos, com a desculpa de manter a "soberania nacional" (JUBILUT, 2007).

Entretanto, mesmo com a existência de diversos pontos negativos, a convenção também possui pontos positivos, como: a definição de refugiado², colocando um maior significado a palavra; o princípio de non-refoulement, onde pessoas em situação de refúgio não podem ser enviadas contra a sua vontade para um lugar/território em que possam correr perigo; princípio da não-discriminação, o qual independente da sua nacionalidade os refugiados devem tratados de maneira igual e digna; regras sobre o estatuto pessoal do refugiado; impedimento de punição por entrada irregular no país onde se solicita refúgio, pois é muito comum que seja necessário para a sua sobrevivência; regras sobre documentos de viagem e identificação; e a uma obrigação de tratamento adequado dos refugiados com todos os seus direitos essenciais sendo assegurados. A Convenção também garante que tudo isso seja somente aplicado a pessoas que estão em situação de refúgio (JUBILUT, 2007).

Contudo, foi o Protocolo de 1967 ao comando do ACNUR que fez melhorias à Convenção de 1951, tendo como uma das suas principais conquistas a abolição das reservas geográficas e temporais, com isso refugiados ao redor do mundo podem ter acesso a refúgio em qualquer lugar independente da sua nacionalidade. Atualmente, tanto o tratado quanto o protocolo formam a base do Direito Internacional dos Refugiados, sendo o mesmo aplicado a todos, sem divergências. Entretanto,

¹ Artigo 14 da Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948.

² Artigo 1º da Convenção de 1951.

existem outros tratados³ sobre esse tópico que são utilizados para uma melhor proteção dos refugiados obtendo direitos universais, indivisíveis, relacionados e interdependentes, e sendo a maioria deles vertentes do Direito Internacional dos Direitos Humanos (JUBILUT, 2007).

De maneira concisa, é perceptível que até mesmo durante o processo de criação do Direito Internacional do Refugiado por muito tempo os países ocidentais impuseram as suas exceções xenofóbicas. Contudo, percebe-se que mesmo depois da implementação de direitos mais igualitários ainda é possível observar uma notória distinção de tratamento conforme a nacionalidade, raça e religião dos refugiados, por diversos motivos que serão constatados ao decorrer do artigo.

1.2 Teoria Pós-colonialista

Um dos maiores exemplos de desigualdade no mundo pode ser observado por meio da crítica realizada pela teoria pós-colonialista ao colonialismo, sendo ele a criação de uma visão completamente fabricada, colocando de uma maneira negativa diversas regiões do mundo, principalmente o Oriente Médio. Dessa forma, possuindo como foco a teoria Pós-colonialista, observa-se que ela apresenta uma visão crítica e a necessidade da revisão do passado contado pela modernidade ocidental, além de mostrar como o presente ainda é permeado por discursos, relações políticas e práticas coloniais que causam uma distribuição assimétrica do poder e da riqueza em nível global (SANTOS, 2001).

Desse modo, o pós-colonialismo se opõe a essa diferença da distribuição de poder e as injustiças que ela causa, sendo assim o pós-colonial trabalha para interromper os discursos coloniais hegemônicos que neutralizam as desigualdades raciais, de povos, classes e entre países (SAID, 2007). Desta maneira, o pós-colonialismo apresenta uma crítica dos pressupostos epistemológicos em que se assenta o discurso da modernidade e da "superioridade europeia".

³ Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio (1948), Convenção Européia de Direitos Humanos (1950), Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1965), os Pactos Internacionais de Direitos Humanos (1966), Convenção Americana de Direitos Humanos (1969), Convenção Relativa à Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (1972), Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (1979), Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Direitos dos Povos (1981), a Convenção sobre Direito do Mar (1982), Convenção sobre os Direitos das Crianças (1989).

Sendo assim, é importante ressaltar que o fim do colonialismo político não significou o do colonialismo como relação social, pesquisas acadêmicas e até mesmo mentalidade discriminatória e autoritária (HOFFMAN, 2005). Ao observar os regimes coloniais, é possível perceber como os seus discursos implementaram uma "violência epistêmica", assim se nota a criação de uma imagem do objeto colonizado. É evidente que desta maneira o ocidente tem como possibilidade a criação do seu self, mas não possibilita que o resto do mundo faça o mesmo. É exatamente por esse e outros motivos que o discurso colonial construiu diversas formas de racismo (SANTOS, 2004).

Um dos principais autores que apresenta em sua obra uma explicação para a existência desse grande preconceito para com a população do Oriente Médio é Edward W. Said. Ele apresenta e explica um fenômeno chamado "Orientalismo", sendo por meio dele que os estadunidenses conseguiram dar legitimidade a todas as atrocidades que cometeram no Oriente Médio. Ao longo de sua obra, Said mostra como a cultura do Oriente é vasta e influenciou grandemente a definir e a moldar os costumes europeus, principalmente intelectualmente (SAID, 2007).

Contudo, a criação do "Orientalismo" é uma maneira de influenciar o conhecimento sobre o Oriente Médio, sendo uma forma de agressão e julgamento para com ele. Ele foi criado pelo ocidente como o objetivo de estabelecer poder sobre esse território e população, e muitos escritores colaboraram para uma produção intelectual mostrando a "soberania" do ocidente no oriente. Atualmente é notório que o orientalismo continua a ser alimentado por meio de peças, livros, filmes, séries de tv e ensaios acadêmicos, onde o indivíduo oriental é colocado como o malvado, o vilão, o terrorista e o perigoso (SAID, 2007).

Percebe-se então como as relações entre oriente e ocidente forma feitas por meio de um molde, que pode ser chamado de orientalismo, que permitiu uma colonização não somente territorial como cultural do Oriente Médio, criando uma imagem da população dos países do Oriente médio como um "selvagem estúpido" e expondo a sua "inferioridade" e conseqüentemente não digno de um tratamento igualitário já que são "barbaros por natureza" (SAID, 2007).

Outro exemplo que ajuda a explicar a assimetria existente na questão da diferença de tratamento dos refugiados é a noção de Necropoder de Achille Mbembe. Ele apresenta como o Necropoder trata diretamente sobre o racismo de

Estado, e por intermédio dele se observa a criação de um corte que utilizou das distinções biológicas por meio das diferenciações de raça como uma maneira de classificar uma população como inferior. A função da criação desse racismo é criar uma justificativa para regulamentar os povos que poderão ser "mortos". Um dos exemplos mais claros pode ser visto pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial ou o bombardeio realizado pelos Estados Unidos a Hiroshima e Nagasaki. Deste modo, a morte de uma certa população não é vista mais como algo ruim e sim como parte do jogo político realizado pelo Estado e ao longo do tempo esquecida por ele. Assim, a liberdade desse grupo de pessoas é completamente dissolvida e são tratados como objetos animados (MBEMBE, 2018).

Mbembe também utiliza Carl Schmitt para explicar a relação entre sujeitos e Estado, apresentando que existem dois princípios na questão do espaço de necro poder e da formação de um sujeito para a morte. O primeiro sendo o reconhecimento das fronteiras dos Estados e como a morte deve ser feita de modo "civilizado" e de forma racional. O segundo apresenta como Estados soberanos fazem guerras com outros Estados "civilizados" e para os outros territórios deixam a possibilidade de colonização. Deste modo, quando se trata da colônia o combatente e o cidadão não apresentam distinção entre eles, sendo eliminada a noção de paz, pois todos correm perigo em nome da "civilização". Assim, essa população é vista como selvagem e pedem seu lugar em um campo humano de ação, por isso são vistos como a morte de um animal, se tratando de uma busca de poder e controle e não de paz (MBEMBE, 2018).

Fica perceptível então a necessidade de compreender que o preconceito para com determinadas raças imposto pelo ocidente é na maioria das vezes proposital, servindo como uma maneira de controle e justificativa para seus atos. Portanto, a teoria pós-colonialista ajuda a confirmar que o pensamento colonial ainda é muito presente no mundo todo, principalmente na comunidade internacional, dando espaço à disparidade na forma a qual os refugiados são tratados de acordo com a sua nacionalidade, raça e religião. Por isso, o Pós-Colonialismo possui numerosas colaborações a dar nos quesitos das análises culturais, sociais e políticas de diversas partes do mundo, especialmente no que se trata a respeito dos desequilíbrios de poder (SPIVAK, 1988).

Observando as informações apresentadas acima, fica atestado dessa maneira a importância do objetivo do artigo e a relevância de seu tema. É perceptível então, por meio da iluminação do pós-colonialismo, como o mundo ocidental ainda possui uma forte base colonial, influenciando dessa maneira a existência do racismo e classificando nações como inferiores como modo de obter vantagens políticas e econômicas. Deste modo, fica evidente a necessidade de acabar com esse orientalismo para que enfim as populações que vivem no chamado Oriente possam desenvolver livremente suas subjetividades, e dessa maneira garantir mais segurança para os indivíduos desses territórios e fazer com que eles possam ter a oportunidade, especialmente em situações de crise onde o refúgio seja necessário, de serem tratados com humanidade e igualdade, invalidando a criação falsa da imagem oriental e criando uma nova e mais verdadeira sem a influência do ocidente.

2 GUERRA NA SÍRIA

A guerra civil na Síria teve seu início a partir do primórdio de diversos protestos que começaram a surgir via a Primavera Árabe, sendo ela um compilado de protestos realizados no Norte da África e no Oriente Médio no final de 2010 e início de 2011, sendo considerado oficialmente um conflito pela ONU e a Cruz Vermelha em 2012, o que permite a investigação de crimes de guerra e a aplicação do Direito Humanitário Internacional. Deste modo, o conflito teve a sua gênese em janeiro de 2011 por meio de protestos pacíficos contra o governo de Bashar Al-Assad, o qual a família governa de forma ditatorial desde a década de 1970, o que fez com que ele enviasse as forças armadas para conter de forma violenta a população. O protesto foi realizado depois da prisão e tortura de estudantes da cidade de Daraa por escreverem slogans contra o regime, deste modo a população revoltada estava em busca de uma vida mais igualitária quanto ao trabalho, mobilidade, saúde e educação. Contudo, essa reação extrema fez com que surgissem milícias contrárias ao governo, onde foi possível juntar aproximadamente 150 mil soldados, o que era equivalente à metade do exército sírio em 2009 (HAMANN, 2016).

Entretanto, com o apoio do Ocidente para a retirada do presidente, vários grupos se fortaleceram e se iniciou a guerra civil no país. A guerra civil síria possui vários componentes que agregam para a sua complexidade. A começar pelos

diversos jogos de interesses no país, existem confrontos entre os xiitas alaúta de Assad e a maioria sunita, além de uma crescente onda de grupos extremistas, principalmente os islâmicos e jihadistas. E por fim, também existem influências fora do país partindo dos EUA e da Rússia, sendo ela apoiadora de Assad (ENTENDA, 2016).

Quanto à intervenção estrangeira, ela foi realizada por diversos países por meio do apoio ao que era mais vantajoso para cada um deles. Inicialmente, a Liga Árabe formada em 1945, composta pelo Egito, Arábia Saudita, Líbano, que junto com a ONU, Estados Unidos e União Europeia repreenderam as ações dos grupos e do governo sírio, contudo não intervieram. Ao longo do tempo, os Estados Unidos focaram o seu apoio no Exército Livre da Síria e na Unidade de Apoio Popular, contudo tirou o seu apoio do primeiro após ele se juntar à Turquia e do segundo ao se juntar à Rússia. Já a Rússia, tendo como motivo o seu modo de governo, apoiou o Bashar al-Assad, sendo essencial para o sustentar, além de reforçar a sua influência para impedir o fortalecimento do Estado Islâmico. O Irã também apoiava o governo sírio, o enviando armas, dinheiro e tropas, com o objetivo de impedir com que sunitas assumam o poder, ou até mesmo, tenham algum impacto na organização xiita no Líbano, mas conhecida como Hezbollah (SILVA, 2021).

O início do conflito foi mais pacífico, contudo com a formação do Exército Livre da Síria (ELS) a luta armada se intensificou espalhando a violência por todo o país. O ELS era inicialmente secular, contudo ao longo do tempo se tornou fundamentalista religioso. A princípio, o seu foco era acabar com o governo de Bashar al-Assad, mas ao longo do conflito empenharam-se em combater os curdos no norte da Síria, mostrando assim uma grande influência turca no grupo (SILVA, 2021).

Ao longo do tempo, novos grupos rebeldes surgiram, sendo alguns deles, Hayat Tahrir al-Sham até 2016 e Hurras al-Din, afiliados com a Al-Qaeda. Isso levou com que em 2014 o Estado Islâmico (EI) invadisse o território Sírio já fragilizado, impondo uma espécie de reino islâmico (califado) com as suas leis (sharia). Todavia, estavam contra todos os grupos em guerra no país, já que buscavam total controle sobre a Síria, fazendo com que houvesse uma mobilização interna e externa para conter o seu avanço. Isso fez com que países como EUA e Rússia enviassem recursos para controlar o progresso do EI, que atualmente não possui influência territorial na Síria. Por essa razão surgiu a Unidade de Proteção Popular do

Curdistão Sírio realizada pelos curdos, que sofrem constantemente com ataques turcos já que os curdos existem como minoria em seu país (SILVA, 2021).

Contudo, ao longo do tempo a comoção internacional ficou maior quando em 2013 foram utilizadas armas químicas pelas forças de Assad, deixando aproximadamente 1400 mortos nos arredores de Damasco. Isso fez com que ocorresse uma intervenção internacional e a exigência da destruição dessas armas. Entretanto, com o início de ataques do Estado Islâmico a diversos países europeus, como o ataque no estádio de futebol e na casa de show Bataclan na França, que segundo a prefeitura de Paris deixou 112 mortos (ATAQUES, 2015), além dos ataques no metro em Londres (INCIDENTE, 2017) e em um show em Manchester e em diversos outros países (ESTADO, 2017), fez com que mais países se unissem contra esse grupo, impactando diretamente o seu poder na Síria (ENTENDA, 2021).

Atualmente, Bashar al-Assad possui o controle das maiores cidades da Síria e continua a lutar contra uma vasta parte do país que ainda está nas mãos de seus opositores. E é notório que mesmo que isso signifique uma vitória da influência russa contra a estadunidense no Oriente Médio, as consequências são alarmantes para a população síria. Deste modo, um país que no ano de 2010 possuía um IDH maior do que o da Índia, possui agora aproximadamente 6,9 milhões de pessoas deslocadas dentro do seu próprio país, sendo que cerca de metade delas moram em acampamentos sem a disponibilidade do básico para viver. Segundo a ONU, no início de 2022, 13,5 milhões de pessoas na Síria necessitam de assistência humanitária, sendo que a crise humanitária se agravou ainda mais com o início da pandemia do covid-19. E mais de 6,6 milhões de pessoas já solicitaram ou conseguiram refúgio em outros países (ACNUR, 2022).

Com a profunda devastação durante todos esses anos, segundo o observatório sírio para os Direitos Humanos foi confirmada a morte de aproximadamente 499.657 pessoas, sendo 160.681 delas eram civis e dentro delas 25 mil eram crianças ou adolescentes. Contudo, com a vasta quantidade de desaparecimentos e mortes não relatadas, o número pode subir para 610 mil pessoas. Estima-se que mais de 47 mil desses civis passaram por tortura antes da sua morte. Segundo a Unicef, somente em 2021, cerca de 900 crianças foram gravemente feridas ou mortas (POR QUE, 2021).

Percebe-se que com o agravamento da crise durante todos esses anos de guerra e evidentemente com a desvalorização da libra síria por volta de 80% em

2021 e 140% em 2022, as empresas nacionais foram a falência intensificando ainda mais os níveis de desemprego, fazendo com que a taxa de desemprego atingisse 90%. A pandemia do covid também impactou ainda mais a população, pois ela não possui acesso adequado a hospitais, pois uma grande parte deles foram completamente destruídos e mais de 930 médicos foram mortos, fazendo com que a vacinação, que deveria ser garantida pelo governo, também ficasse escassa (POR QUE, 2021).

Em síntese, fica perceptível então como os principais desdobramentos ligados à guerra civil da Síria vão muito além de uma simples disputa entre apoiadores e opositores ao regime de Assad. Diversos grupos tomaram grandes territórios do país e disputaram entre si, criando uma guerra dentro de uma guerra, podendo ser observado pelas tensões entre Al-Qaeda e o Estado Islâmico, além dos curdos, o que causavam grande tensão turca. E como toda essa devastação é notória todas as evidências de crimes realizados por todos os grupos, como desaparecimentos, torturas, assassinatos, estupros e muito mais, impossibilitando a população síria de permanecer em seu país, sendo preciso a procura do refúgio (ENTENDA, 2021).

2.1 Tratamento dos refugiados sírios

A situação preocupante na Síria fez com que a moradia em seu território e a garantia de materiais básicos para a sobrevivência de qualquer ser humano se tornasse praticamente impossível, sendo o refúgio a melhor maneira de garantir a segurança. Segundo o ACNUR, desde de o início da guerra civil na Síria mais de 6,6 milhões de sírios já conseguiram ou solicitaram o processo para conseguir refúgio. Contudo, a vida fora do território sírio continua não sendo fácil para os seus refugiados, pois eles sofrem um constante preconceito tendo como motivo a sua nacionalidade, etnia e religião.

O atual Direito Internacional dos Refugiados, apresentado anteriormente, mostra como foi formulado para com que todos os refugiados, independente de sua nacionalidade, recebessem o mesmo tratamento. Entretanto, essa exigência mesmo que por lei está longe da realidade. Tendo como foco a recepção dos refugiados sírios na Polônia, observa-se que, o governo polonês foi um dos que mais resistiu a recepção de refugiados sírios com o início da crise de refugiados em 2015 (DAMASCENOI, 2022). Um dos principais motivos para tal comportamento é o fato de aproximadamente 90% da população polonesa ser católica e não desejarem ter

contato com muçulmanos por existirem grandes "diferenças", e mesmo após o acolhimento de refugiados muçulmanos pelo Papa Francisco no Vaticano o país continuou hostil a recepção dos sírios, os quais foram recebidos de maneira inadequada (COLON, 2015).

Um dos maiores exemplos de claro preconceito por parte do governo polonês se deu com o fechamento da fronteira com Belarus, obrigando os refugiados que passavam por lá a voltarem para os seus países. Uma das principais repercussões sobre esse acontecimento se deu pelo o impedimento de refugiados sírios que tentavam entrar pela fronteira praticamente esquecida na floresta de Pogorzelec, onde passaram fome e alguns não resistiram e chegaram ao óbito. Protestos foram realizados em Berlin na Alemanha por outros refugiados com o objetivo de colocar luz nesse acontecimento e mostrar que o verdadeiro crime é a negligência e não o refúgio (BIELORRÚSSIA-POLÔNIA, 2021). O ACNUR naquele momento fez um apelo lembrando que ambos países assinaram a Convenção de Refugiados de 1951 e que devem dar asilo a esses refugiados e lembrou a existência do princípio do non-refoulement, ou seja, refugiados não podem ser obrigados a voltarem para o seu país enquanto ele ainda continua em guerra (JACOBUCCI, 2021).

Mesmo com a clara necessidade de refúgio, vista principalmente por meio das condições em que viviam os sírios, correndo constante risco de vida, onde crianças e mulheres não sabiam como garantir a sua sobrevivência, se observou que a recepção não somente na Polônia como em vários países europeus foi completamente hostil. Existiu um sentimento de islamofobia e anti-muçumano que não somente habita na população, mas também por meio do posicionamento xenofóbico dos seus governos, influenciando na discriminação desses grupos que estavam em condições precárias, e os acusando de serem terroristas por sua nacionalidade e religião, sendo que essas atitudes é um claro exemplo do impacto de séculos da predominância do pensamento colonial, mostrando que muitas vertentes do pós-colonialismo ainda não são fortemente propagadas. Isso causa uma falta de segurança necessária para esses refugiados sírios, principalmente por estarem em um momento de tanta vulnerabilidade, e evidentemente infringe princípios basilares do Direito Internacional dos Refugiados e da estrutura jurídica europeia (AZEREDO; SILVA, 2022).

No ano de 2021 a Polônia aprovou o projeto da construção acelerada de um muro na fronteira com a Belarússia com o objetivo de evitar com que os refugiados

do Oriente Médio, principalmente sírios, consigam entrar em seu território. Anteriormente, já haviam colocado arame farpado em parte da fronteira e enviaram soldados, contudo, mesmo fisicamente empurrando famílias inteiras, incluindo crianças, isso não foi o suficiente. E mesmo que eles peçam asilo para a União Europeia, na maioria das vezes são negados (PARLAMENTO, 2021). Também em 2021, na mesma fronteira, refugiados do Oriente Médio jogaram pedras e pedaços de madeira nos guardas para conseguirem atravessar a fronteira, porém foram fortemente repreendidos por canhões de água. Isso somente comprova a agressividade e a falta de compreensão para com as pessoas de determinadas nacionalidades em situação de refúgio (POLÔNIA, 2021).

Ana Farias, coordenadora das campanhas da Amnistia Internacional de Portugal, fala como esse "push back" são desnecessários, afirmando que os refugiados sírios são "deixando-os numa situação desumana, cruel, sem qualquer acesso a cuidados médicos sendo vítimas de agressão policial" e que refugiados de países orientais recebem um tratamento completamente diferente daqueles dos ocidentais (MONTEIRO, 2022).

Todavia, esse tipo de comportamento não é algo recente. Desde do começo da crise dos refugiados em 2015, mais de 5 mil europeus saíram para as ruas protestando contra a entrada de refugiados sírios em seu território, sendo que uma das principais capitais que participaram do movimento foi a Varsóvia, capital da Polônia. Sendo claramente preconceituosos, eles saíram às ruas com cartazes escritos "O Islã é a morte da Europa" pedindo a "proteção das fronteiras" (POLÔNIA, 2015). Atualmente a Dinamarca polemizou ao informar o desejo da saída dos refugiados sírios de seu país para a entrada dos ucranianos, mostrando assim uma clara hipocrisia e o "double standard" no tratamento dos sírios em comparação com os ucranianos (DINAMARCA, 2022).

Já dizia Bobbio (2009, p. 93) que a "igualdade entre todos os seres humanos em relação aos direitos fundamentais é o resultado de um processo de gradual eliminação de discriminações e, portanto de unificação" com base em "uma natureza comum do homem acima de qualquer diferença de sexo, raça, religião, etc.". Ou seja, para que essa diferença de tratamento seja inexistente, é necessário que primeiro a sociedade coletivamente extinga os seus preconceitos.

De maneira concisa, é evidente que, segundo o Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU, os refugiados sírios compõem o maior contingente

de refugiados do mundo (UN, 2015). Deste modo, com a exposição de todos esses fatos, é notório como os refugiados sírios vivem em condições precárias e com uma situação financeira comprometida, além de terem que viver em abrigos superlotados dependendo de órgãos internacionais de ajuda humanitária para suprirem as suas necessidades básicas (ACNUR, 2016). Não obstante, a falta de segurança proporcionada pelos países que os abrigam, principalmente na Polônia, faz com que o recomeço da vida para os sírios em situação de refúgio seja extremamente dificultada, tendo como motivo principal a xenofobia para com as populações do Oriente Médio e a grande onda anti-muçulmana por parte tanto da população quanto do próprio governo, os quais a predominância do pensamento colonial e a falta do pós-colonialismo é evidente.

3 GUERRA NA UCRÂNIA

A guerra entre Rússia e Ucrânia está sendo antecipada há muito tempo, as tensões históricas entre ambos países somente comprova o desastroso final. A Ucrânia se tornou parte da Rússia no final de 1700 pelo comando de Catarina II, mais conhecida como Catarina a Grande, e lutou por sua independência no início do século XX, contudo ela perdeu e eventualmente se tornou parte da União Soviética, conquistando-a somente em 1991 com o fim da Guerra Fria (REALS; SUNDBY, 2022). Durante o período em que pertencia ao governo russo, a Ucrânia foi alvo de uma tentativa de apagar as partes de sua cultura a qual eram intrinsecamente ucranianas, sendo proibida a publicação e a instrução de sua língua entre os anos de 1863-1905 (MANKOFF, 2022).

A Rússia considera a Ucrânia como uma extensão de seu país, sendo esse motivo um dos principais argumentos utilizados quando a primeira invasão que ocorreu no atual século foi realizada, tendo como objetivo anexar a Crimeia em 2014. A invasão ocorreu logo após o Presidente ucraniano na época, Yanukovych, ter rejeitado o ingresso da Ucrânia na União Europeia, sendo que ele logo em seguida fugiu da Ucrânia tendo como motivo a reação negativa que fez com que protestos fossem realizados em todo país (CENTER FOR PREVENTIVE ACTION, 2022).

Durante esse período, parte da população pró-Rússia apoiou a invasão, fazendo com que eventualmente as tensões se expandissem para um conflito

armado e foi oficialmente anexada à Rússia no mesmo ano. Por muito tempo a Rússia negou o uso de armamento, contudo a Organização do Tratado Atlântico Norte (Otan) o confirmou. Em 2015, países como França e Alemanha tentaram realizar negociações com a Ucrânia e a Rússia, mas não obtiveram sucesso. Já em 2016, a Otan iniciou uma rotação de tropas em países que poderiam ser o próximo alvo da Rússia, como a Polônia, Estônia e Lituânia. Em 2017, os Estados Unidos enviou duas brigadas de tanques para fortalecer ainda mais as tropas da Otan. E em 2018, os EUA realizou sanções a alguns indivíduos, incluindo oficiais russos, e nesse mesmo ano aprovou a venda de armamento para a Ucrânia, além dela ter se juntado a vários países da Otan para a realização de exercícios militares aéreos (CENTER FOR PREVENTIVE ACTION, 2022).

A interação entre a Ucrânia e a Otan sempre foi banalizada pela Rússia, já que a organização foi criada durante o período da Guerra Fria por países ocidentais com o objetivo de formar uma aliança e ter assistência militar caso algum dos deles fosse invadido pela então União Soviética. Nos dias atuais ela é composta por trinta grandes nações e ainda é vista como uma ameaça à Rússia. Deste modo, a partir do momento em que a Ucrânia começou a fraternizar com a organização, a Rússia entrou em estado de alerta, pois ter tropas da Otan em suas fronteiras, caso um acordo fosse realizado, a deixaria vulnerável (POR QUE, 2022).

Com um aumento das relações da Otan no leste europeu, e com a tentativa de se associar à Ucrânia, em outubro de 2021 foi detectado um grande contingente de tropas russas na fronteira ucraniana, onde já começaram a especular uma possível invasão. Em dezembro do mesmo ano, o Ministro das Relações Exteriores russo se reuniu com a Otan com o objetivo de realizar um acordo para contenção dos seus relacionamentos com a Ucrânia, que evidentemente foi negado (CENTER FOR PREVENTIVE ACTION, 2022).

No início, a Rússia enviou tropas alegando ser somente para a realização de exercícios militares, contudo com o contínuo envio de armas e a invasão ficou mais eminente. Deste modo, com o objetivo de evitar a possibilidade da anexação de tropas da Otan em sua fronteira e também usando a desculpa da existencia da necessidade da proteção dos falantes russos no país e de acabar com o governo "nazista", além de reconhecer as regiões separatistas de Donetsk e Lugansk, a Rússia inicia a invasão a ucrânia (DEREVECKI, 2022).

Durante a madrugada do dia 24 de fevereiro, os primeiros bombardeios se iniciaram. Logo em seguida os Estados contra a guerra começam a realizarem sanções econômicas para com a Rússia com o objetivo de fazer com que a continuação da guerra seja dificultada. Os impactos da guerra no mundo também foram relevantes, como os barris de petróleo por 100 dólares e bolsas começaram a quebrar. Quatro dias depois começam a ser feitas negociações entre Rússia e Ucrânia, contudo nada se resolveu. Dias depois a Assembleia da ONU condena a invasão russa e solicita que as tropas sejam retiradas. Após a realização de mais negociações a Rússia e a Ucrânia entraram em acordo a favor da criação de corredores humanitários para facilitar a saída segura de refugiados (DEREVECKI, 2022).

É de grande relevância destacar que essa é uma guerra sem muito apoio popular, pois no início dela milhares de russos foram às ruas protestar, e por causa da opressão política e militar quanto a protestos que não se alinham com o governo russo, eles foram presos. Sendo assim, o medo é um dos principais motivos pelo qual os russos não expõem muitas opiniões sobre a guerra.

Atualmente a guerra continua e nenhum acordo foi realizado para que o seu término aconteça. Mesmo com a intervenção internacional por meio de sanções e pelo envio de armamentos e suprimentos para a Ucrânia, que ajudou com que a Ucrânia conquistasse de volta territórios que os russos haviam dominado, a situação ainda continua crítica. Desde do início da guerra foi confirmado a morte de aproximadamente 80 mil soldados russo e a Ucrânia registrou aproximadamente 10 mil mortos e 30 mil feridos (PENTÁGONO, 2022).

Enquanto a guerra não acaba e as incertezas continuam, ucranianos buscam refúgio em outros países, tendo que deixar familiares para trás, já que homens de 18 a 60 anos não podem deixar o país e precisam ficar e ajudar na luta contra os russos. Segundo o ACNUR, desde do estopim do conflito armado até o mês de junho, cerca de 7,3 milhões de pessoas já atravessaram a fronteira da Ucrânia, e 4,8 milhões de pessoas já são oficialmente registradas como refugiados (ACNUR BRASIL, 2022).

Em conclusão, as tensões entre Rússia e Ucrânia que levaram à guerra, vão muito além dos confrontos recentes, as histórias de ambos países são interligadas desde da sua gênese, tornando o conflito ainda mais complexo. A atual guerra também envolve diversos outros países e suas investidas, tendo como exemplo a

Otan que tinha consciência dos riscos que poderiam trazer ao tentar estabelecer um acordo com a Ucrânia. A guerra impactou tanto o lado econômico e político, quanto o familiar, já que milhares de famílias tiveram que se separar ou perderam membros essenciais de sua composição, ou até mesmo vivem em ambos países e são impedidos de se encontrarem ou manterem contato.

3.1 Tratamento dos refugiados ucranianos

O tratamento dos refugiados ucranianos não poderia ser mais diferente do recebido pelos sírios. A partir do início da guerra países como Polônia, Alemanha, Itália, e múltiplos outros, abriram suas fronteiras para acolher a população ucraniana que estava à procura de refúgio. Essa prontificação em prol do acolhimento só comprova a existência da distinção de tratamento entre refugiados da Síria e da Ucrânia, tendo como motivo a falta de assistência e acolhimento para com os sírios durante todos os anos da guerra.

A Polônia, país que por muitos anos foi não receptível com refugiados sírios, até mesmo colocando seguranças e arame farpado nas fronteiras, inicialmente abriu as portas para um milhão de refugiados ucranianos (POLÔNIA, 2022), mas atualmente conta com mais de três milhões de pessoas estabelecidas em seu país que vieram da Ucrânia (POLÓNIA, 2022). Com o avanço da guerra, e conseqüentemente o aumento do trânsito de refugiados por toda europa, a Polônia espalhou cartazes em suas cidades incentivando o acolhimento dessa população por famílias locais e também o voluntariado, além de abrirem postos de coletas de doações em diversos lugares (DW, 2022).

Muitas organizações de assistência e também médicos, principalmente nas regiões que fazem fronteira com a Ucrânia, como na cidade de Medyka, se juntaram para ajudar as pessoas que precisam de auxílio médico. Os voluntários também são de grande ajuda, pois é por meio deles que a entrega de alimentos e roupas são possíveis, isso facilita o trabalho das autoridades, que tentam orientar sobre como serão os próximos caminhos para os ucranianos. Atualmente, já é possível com que esses refugiados ucranianos façam um cadastro oficial nos municípios onde estão habitando e assim conseguir ter acesso a escolas para as crianças e também ao sistema de saúde público (POLÓNIA, 2022).

Iwasieczko, o prefeito da cidade de Medyka, se juntou com ONGS, servidores públicos e moradores da cidade para conseguirem transformar o pavilhão esportivo

em um abrigo com 240 leitos, sendo que pela queda da temperatura mais de 700 pessoas usufruíram dele para se protegerem do frio. O prefeito também fez um pronunciamento afirmando que o principal foco no momento são os refugiados e que a população terá que aprender a viver por um determinado período de tempo com um pouco menos do que antes possuíam. Ele também apresenta a necessidade de dinheiro, já que o que mais precisam está em falta nas doações, como: abrigo, aquecedores, comida, remédios, transporte e internet. Outra implementação que fizeram foi a disponibilidade de psicólogos principalmente tendo como motivo a ajuda para com que as crianças comecem a se sentirem mais seguras. O ACNUR também colocou funcionários em diversas regiões da fronteira entre Ucrânia e Polônia para ajudar no monitoramento fronteiriço, ajudar no fornecimento de informações para os refugiados, na proteção infantil e nas questões jurídicas (SALTMARSH, 2022).

Alguns meses após o início da guerra, a Polônia contribuiu com um projeto intitulado "Safe Haven" a comando da Fundação Cesvi que foi originada na Itália. Por meio desse projeto, foi inaugurado na cidade de Lublin um abrigo, no Hotel Palace Europa, com capacidade de acolher 100 pessoas que necessitam de uma atenção maior a qual não poderia ser recebida em grandes abrigos. Todos esses indivíduos poderão usufruir dos espaços comuns e obter materiais para tentar ajudar na reconstrução de sua vida. O diretor desta Fundação, Roberto Vignola, fala que os refugiados precisam de "não apenas condições de vida seguras, mas também dignas" (COLLET, 2022).

A União Europeia, no mês de agosto, anunciou a realização de evacuações médicas (MEDEVAC) a comando do Centro de resposta coordenada de Emergência (ERCC), tendo como objetivo retirar da Ucrânia pessoas com doenças crônicas ou gravemente machucadas pela guerra, já que muitos de seus hospitais foram bombardeados e os que não foram estão lotados. Foram realizadas 1000 evacuações, levando os pacientes a hospitais especializados em 18 países diferentes. Esses pacientes estão recebendo a ajuda necessária e assim que estiverem melhores podem escolher entre ficar no país que os acolheu ou voltar para a Ucrânia. Contudo, essas não são as únicas evacuações que serão realizadas, o objetivo é conseguir encontrar vagas em outros países e retirar todos que necessitam de assistência médica (APELBLAT, 2022).

É possível ter em vista que, uma das principais razões para que tantos ucranianos escolham a Polônia como destino final, além da hospitalidade e de toda a ajuda que receberam ao chegarem no país, é pelo fato de se sentirem seguros já que ela é um Estado membro da Otan (ANTUNES, 2022). Um dos grandes diferenciais do acolhimento dos refugiados ucranianos é o fato da sua recepção acontecer de forma acolhedora, recebendo comida, roupas, acesso a médicos e boas vindas das populações. Contudo, anteriormente quando os refugiados eram majoritariamente de países do Oriente Médio, eles eram colocados em centros de detenção e considerados uma ameaça à população. Os Ucranianos puderam contemplar medidas antes não aplicadas aos refugiados pela União Europeia, como a entrada sem documentos, fronteiras abertas, proteção e acolhimento (AZEREDO; SILVA, 2022). A União Europeia também permitiu com que os ucranianos pudessem permanecer e trabalhar livremente em seus 27 países por até três anos, e liberação para usufruir de escola, moradia e atendimento médico (QUAL, 2022).

A teoria Pós-colonialista consegue explicar o motivo dos refugiados ucranianos serem tão bem assistidos. A sua cor, religião e localidade são os principais responsáveis, tendo como explicação a existência de uma grande presença do colonialismo nos governos ocidentais. A partir do momento em que uma população que se encaixa nos parâmetros que eles consideram fazer parte dos “ocidentais” é que as movimentações em prol da sua ajuda humanitária começam. Desde modo, pelo fato da população ucraniana ter uma composição majoritariamente europeia, branca e cristã, a aceitação de pedido de refúgio é muito mais bem aceita.

Por meio de todas as evidências apresentadas acima, é perceptível como os refugiados ucranianos foram bem acolhidos desde o primórdio da sua jornada em busca do refúgio. Não somente pelos países fronteiriços que abriram as suas portas para os receberem, mas também por diversas outras partes da Europa e fora dela, além de milhares de pessoas que se disponibilizaram seu tempo para servirem como voluntários, fazerem doações, e os receberem em suas casas. O respeito recebido por esses refugiados com certeza fez uma grande diferença no quesito readaptação, sendo por meio de todo esse apoio que a integração em uma nova sociedade foi realizada de forma mais fácil. É importante ressaltar que o modo como foram tratados é uma exceção, devendo servir como base para recepções a

refugiados de diferentes nacionalidades, e mostrar que é possível sim os receber de forma digna.

4 COBERTURA DE AMBOS CONFLITOS

Por meio das informações apresentadas anteriormente, observa-se que mesmo existindo os mesmos direitos proferidos para os refugiados e não apresentando regra que os modifique de acordo com a sua nação, ainda existe uma diferença de tratamento. Uma das hipóteses é que essa diferença acontece pela grande influência colonial ainda predominante no âmbito internacional e o racismo, que conseqüentemente instaura uma onda de preconceito para com certas regiões do mundo.

Uma das maneiras mais claras de observar o prejulgamento ao redor do mundo é observando a cobertura de ambos conflitos. A começar pela cobertura da guerra na Ucrânia que, mesmo após meses do seu início, ela continua sendo bem documentada e apresentada com uma grande relevância na mídia. Países de diversas nacionalidades, incluindo os Estados Unidos que possui um longo histórico de não tratar bem refugiados e imigrantes e sempre fechar as fronteiras para eles, estão preparando para receber milhares refugiados ucranianos e enviando ajuda humanitária, com o Biden propagando o discurso que “isso é uma responsabilidade internacional” (JORDAN; KANNO-YOUNGS; SHEAR, 2022). Observa-se então, que quando uma população europeia, majoritariamente branca e cristã necessita de refúgio, eles são atendidos com prontidão e diversos governos, celebridades e órgãos se disponibilizam a ajudar.

Contudo, o mesmo não acontece quando se trata de países do Oriente Médio, tendo como foco a Síria, a qual não possui uma grande cobertura de sua guerra e seus refugiados são constantemente acusados de serem terroristas por sua etnia e religião. Uma das maneiras mais evidentes de identificar a diferença de tratamento de refugiados do Oriente Médio e Ucranianos pode ser visto por meio da fatídica fala do correspondente Charlie D’Agata da CBS News, onde ele fala que “Não é um lugar, com todo respeito, como o Iraque e o Afeganistão, que já viram conflitos acontecendo por anos. Essa é uma nação relativamente civilizada, uma cidade relativamente europeia, um lugar onde isso não é esperado, ou não tinham esperança que isso acontecesse” (BAYOUMI, 2022). O jornalista francês Phillipe

Corbé da BFM TV falou “Não estamos falando de sírios fugindo das bombas do regime da Síria bloqueado por Putin. Estamos falando de europeus deixando carros que se parecem com os nossos para salvar as suas vidas” (BAYOUMI, 2022).

Esses foram dois de muitos comentários feitos pela imprensa internacional, mostrando o quão preconceituosos são para com as populações do Oriente Médio. Redes televisivas, jornais, revistas, governos e órgãos internacionais não apresentam cobertura uniformizada sobre diferentes conflitos, além de vilanizar certas etnias e localidades, incluindo seus refugiados e os assistindo de forma inadequada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todos os exemplos apresentados ao longo do artigo, é evidente que a vida de um refugiado não é fácil, ter que forçadamente mudar para outro país e construir uma vida nova sem a previsibilidade de realizar um retorno para casa, além de ter que aprender a conviver com uma nova cultura e língua pode ser muito desafiador. Contudo, quando o suporte necessário nesses tempos turbulentos são de fácil acesso tudo é facilitado, sendo sempre dessa maneira que devem ser recebidos, sem distinção de nacionalidade, religião, cor ou sexo.

Após a leitura as informações apresentadas, percebe-se o quanto os refugiados sírios sofrem durante o processo de refúgio, sendo dificultada a sua entrada em vários países, principalmente no Polônia, como foi colocado em foco ao decorrer do artigo, além da falta de assistência e solidariedade por parte tanto do governo quanto da população local. Uma melhora é possível, sendo um dos mais evidentes exemplos o modo como os refugiados ucranianos foram tratados, sendo desta maneira que todos deveriam receber refúgio, com compreensão e solidariedade.

Uma das formas que essa distinção de tratamento é evidenciada foi quando o Comissário Sírio das Nações Unidas, Paulo Pinheiro, destacou como os refugiados ucranianos estão sendo bem acolhidos e como ele gostaria que o mesmo tratamento fosse dado aos refugiados sírios (GHADAKPOUR, 2022). Ele também afirmou que ambas populações em ambos conflitos estão sofrendo com a falta de respeito aos direitos humanos, onde civis não estão em nenhum momento seguros (GHADAKPOUR, 2022). Mesmo assim, ao buscarem refúgio é visível que somente

uma das duas populações conseguiram obter segurança e acolhimento necessário para integrarem completamente em uma nova sociedade, e mesmo que os sírios algum dia possam ter uma melhor integração, eles ainda serão acompanhados de preconceitos e diversas injúrias raciais que farão com que a adaptação seja dificultada.

Em conclusão, percebe-se que mesmo com a aplicação das mesmas leis para todos os refugiados, ainda existe um grande preconceito quando se trata de determinadas nações, o que causa uma diferença no tratamento, além de dificultar o acesso adequado ao refúgio. Com o início da guerra na Ucrânia ficou ainda mais predominante a desigualdade para com os refugiados de diferentes nacionalidades, e como a mídia internacional e governos mostraram o quanto a xenofobia é presente no tópico da migração. Um dos grandes fatores que ajudam a disseminar esse pensamento preconceituoso é a contínua existência do racismo nas relações entre Estados e pessoas em busca de refúgio, em governos e jornais, sendo exposto os riscos da sua perduração pela teoria Pós-colonialista. Sendo assim, é de grande necessidade garantir uma maior diversidade no espaço político, o que influenciará na disseminação de ideais mais igualitários e de diferentes visões de mundo. Deste modo, observando as informações apresentadas ao longo do artigo, é necessário uma mudança na comunidade internacional, por meio da criação de leis que impeça o tratamento desigual de refugiados e aplique consequências relevantes aos países e meios de comunicação que continuem com essa prática, com o objetivo de garantir maior igualdade para as pessoas em situação de refúgio.

REFERÊNCIAS

ACNUR atualiza dados sobre pessoas refugiadas na Ucrânia para refletir movimentos recentes. **ACNUR Brasil**, 10 jun. 2022. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/06/10/acnur-atualiza-dados-sobre-pessoas-refugiadas-na-ucrania-para-refletir-movimentos-recentes/#:~:text=Das%20%2C8%20milh%C3%B5es%20de,esquemas%20nacionais%20de%20prote%C3%A7%C3%A3o%20semelhantes>. Acesso em: 1 nov. 2022.

ACNUR BRASIL. **Refugiados**, 2022. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/#:~:text=S%C3%A3o%20pessoas%20que%20est%C3%A3o%20fora,direitos%20humanos%20e%20conflitos%20armados>. Acesso em: 1 nov. 2022.

ACNUR. **Syria Emergency**. Nações Unidas, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. 2016. Disponível em: <http://www.unhcr.org/syriaemergency.html>. Acesso em: 16 set. 2022.

ANTUNES, Conceição. “Temos uma história forte com a Rússia, ajudamos os nossos vizinhos”. Polónia acolheu 4,5 milhões de refugiados e metade voltaram à Ucrânia. **Expresso**, 14 jul. 2022. Disponível em: <https://expresso.pt/guerra-na-ucrania/2022-07-14-Temos-uma-historia-forte-com-a-Russia-ajudamos-os-nossos-vizinhos.-Polonia-acolheu-45-milhoes-de-refugiados-e-metade-voltaram-a-Ucrania-359b83ea>. Acesso em: 1 nov. 2022.

APELBLAT, M. 1,000 Ukrainian patients have been transferred to hospitals in EU countries. **The Brussels Times**, 5 ago. 2022. Disponível em: <https://www.brusselstimes.com/267732/1000-ukrainian-patients-have-been-transferred-to-hospitals-in-eu-countries>. Acesso em: 1 nov. 2022.

ATAQUES terroristas em Paris deixam dezenas de mortos. **G1**, São Paulo, 14 nov. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/tiroteios-e-explosoes-sao-registrados-em-paris-diz-imprensa.html>. Acesso em: 1 nov. 2022.

AZEREDO, Laís; SILVA, João Carlos Jarochinski. A Crise Humanitária na Ucrânia e a Resposta aos Refugiados e Refugiadas: o que determina o rechaço e a acolhida?. **GEDES**: Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional, 25 abr. 2022. Disponível em: <https://gedes-unesp.org/a-crise-humanitaria-na-ucrania-e-a-resposta-aos-refugiados-e-refugiadas-o-que-determina-o-rechaco-e-a-acolhida/>. Acesso em: 1 nov. 2022.

BAYOUMI, Moustafa. They are “civilised” and “look like us”: the racist coverage of Ukraine. **The Guardian**, 2 mar. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/mar/02/civilised-european-look-like-us-racist-coverage-ukraine>. Acesso em: 1 nov. 2022.

BIELORRÚSSIA-POLÓNIA: Na floresta vejo refugiados a morrer e com eles a nossa dignidade. **Esquerda**, 5 dez. 2021. Disponível em: <https://www.esquerda.net/artigo/bielorrussia-polonia-na-floresta-vejo-refugiados-morrer-e-com-eles-nossa-dignidade/78202>. Acesso em: 1 nov. 2022.

BOBBIO, Norberto. **O terceiro ausente**: ensaios e discursos sobre a paz e a guerra. Barueri: Manole, 2009.

CENTER FOR PREVENTIVE ACTION. Conflict in Ukraine. **CFR**: Global Conflict Tracker, 20 out. 2022. Disponível em: <https://www.cfr.org/global-conflict-tracker/conflict/conflict-ukraine>. Acesso em: 1 nov. 2022.

COLLET, Andressa. Abrigo improvisado em hotel na Polónia recebe 100 mães com filhos que fogem da guerra. **Vatican News**, 31 maio 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-05/polonia-acolhe-100-maes-filhos-fuga-da-guerra-ucrania-maio-22.html>. Acesso em: 1 nov. 2022.

COLON, Leandro. Fervor católico na Polônia alimenta repulsa a refugiados. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 set. 2015. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1684072-fervor-catolico-na-polonia-alimenta-repulsa-a-refugiados.shtml>. Acesso em: 1 nov. 2022.

DAMASCENO, Márcio. Após hostilizar refugiados afegãos e sírios, Polônia recebe ucranianos de braços abertos. **RFI**, 1 mar. 2022. Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/podcasts/linha-direta/20220301-ap%C3%B3s-hostilizar-refugiados-afeg%C3%A3os-e-s%C3%ADrios-pol%C3%B4nia-recebe-ucranianos-de-bra%C3%A7os-abertos>. Acesso em: 13 set. 2022.

DEREVECKI, Raquel. Linha do tempo: o que aconteceu na guerra da Ucrânia até agora?. **Gazeta do Povo**, 25 abr. 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/o-que-aconteceu-na-guerra-da-ucrania-ate-agora/>. Acesso em: 17 out. 2022.

DERIAN, J. (org). **International Theory: Critical Investigations**. Londres: Macmillan, 2005. p. 136.

DINAMARCA planeja abrigar ucranianos, mas quer saída de sírios. **IstoÉ**, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://istoe.com.br/dinamarca-planeja-abrigar-ucranianos-mas-quer-saida-de-sirios/>. Acesso em: 15 out. 2022.

DW .Polônia acolhe ucranianos com solidariedade sem limites. **O Povo**, 07 mar. 2022. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2022/03/07/polonia-acolhe-ucranianos-com-solidariedade-sem-limites.html>. Acesso em: 12 out. 2022.

ENTENDA a ‘mini guerra mundial’ que ocorre na Síria. **BBC News Brasil**, 16 fev. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160216_siria_nova_guerra_tg. Acesso em: 1 nov. 2022.

ENTENDA de uma vez por todas a guerra na Síria. **São Judas**. Disponível em: <https://www.usjt.br/blog/entenda-de-uma-vez-por-todas-a-guerra-na-siria/>. Acesso em: 12 set. 2022.

ESTADO Islâmico assume autoria de ataque terrorista em Manchester. **Veja**, 23 maio 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/11/16/polonia-usa-canhoes-de-agua-contra-imigrantes-na-fronteira-com-a-belarus-veja-video.ghtml>. Acesso em: 22 set. 2022.

GHADAKPOUR, Nima. Syrian and Ukrainian refugees should receive ‘same treatment’, says UN commission chair. **Euronews**, 05 jul. 2022. Disponível em: <https://www.euronews.com/my-europe/2022/07/04/syrian-and-ukrainian-refugees-should-receive-same-treatment-says-un-commission-chair>. Acesso em: 1 nov. 2022.

HAMANN, Greta. Quem luta contra quem na guerra da Síria? **DW**, 30 jan. 2016. Disponível em:

<http://www.dw.com/pt/quem-luta-contra-quem-na-guerra-das%C3%ADria/a-1901393>
2. Acesso em: 1 nov. 2022.

HOFFMAN, S. An American Social Science: International Relations. *In*: DER INCIDENTE no metrô é o quinto ataque terrorista no Reino Unido em 2017. **G1**, 15 set. 2017. Disponível em:
<https://g1.globo.com/mundo/noticia/incidente-no-metro-e-o-quinto-ataque-terrorista-no-reino-unido-em-2017.ghtml>. Acesso em: 22 set. 2022.

JACOBUCCI, Fabrício. O drama dos migrantes na crise entre Belarus e União Europeia. **Cosmopolita**, 12 nov. 2021. Disponível em:
<https://www.cosmopolita.org/post/o-drama-dos-migrantes-na-crise-entre-belarus-e-pol%C3%B4nia>. Acesso em: 14 set. 2022.

JORDAN, Mirian; KANNO-YOUNGS, Zolan; SHEAR, Michael D. United States Will Welcome Up to 100,000 Ukrainian Refugees. **The New York Times**, 25 mar. 2022. Disponível em:
<https://www.nytimes.com/2022/03/24/us/ukrainian-refugees-biden.html>. Acesso em: 18 jul. 2022.

JUBILUT, Liliana Lyra. **O Direito Internacional dos Refugiados e sua Aplicação no Ordenamento Jurídico Brasileiro**. São Paulo: Editora Método, 2007.

LUSA. UE abre na Polónia plataforma para acolher doentes ucranianos. **RTP**, 01 set. 2022. Disponível em:
https://www.rtp.pt/noticias/mundo/ue-abre-na-polonia-plataforma-para-acolher-doentes-ucranianos_n1430214. Acesso em: 1 nov. 2022.

MANKOFF, Jeffrey. Russia's War in Ukraine: Identity, History, and Conflict. **CSIS**, 22 abr. 2022. Disponível em:
<https://www.csis.org/analysis/russias-war-ukraine-identity-history-and-conflict>. Acesso em: 15 out. 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MONTEIRO, Eduardo. Europa muda de atitude com a crise dos refugiados da Ucrânia: “Positivo”, mas “flagrantemente diferente”. **JPN**, 23 mar. 2022. Disponível em:
<https://www.jpn.up.pt/2022/03/23/europa-muda-de-atitude-com-a-crise-dos-refugiados-da-ucrania-positivo-mas-flagrantemente-diferente/>. Acesso em: 15 set. 2022.

PARLAMENTO polonês aprova construção de muro para impedir imigração. Estado de Minas. **Estado de Minas**, 29 out. 2021. Disponível em:
https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2021/10/29/interna_internacional,1318416/parlamento-polones-aprova-construcao-de-muro-para-impedir-imigracao.shtml. Acesso em: 15 set. 2022.

PARK, Jeanne. **Europe's Migration Crisis**. New York: Council of Foreign Relations, 2015.

PENTÁGONO estima que cerca de 80 mil soldados russos foram mortos ou feridos na Ucrânia. **Exame**, 09 ago. 2022. Disponível em: <https://exame.com/mundo/pentagono-estima-que-cerca-de-80-mil-soldados-russos-foram-mortos-ou-feridos-na-ucrania/>. Acesso em: 11 out. 2022.

POLÔNIA abre as portas para mais de um milhão de refugiados da Ucrânia. **IstoÉ Dinheiro**, 07 mar. 2022. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/polonia-abre-as-portas-para-mais-de-um-milhao-de-refugiados-da-ucrania/>. Acesso em: 15 out. 2022.

POLÔNIA, Eslováquia e República Checa protestam contra migrantes. **Jornal Opção**, 13 set. 2015. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/polonia-eslovaquia-e-republica-checa-protestam-contramigrantes-45579/>. Acesso em: 15 set. 2022.

POLÔNIA recebeu mais de dois milhões de refugiados. **Euronews**, 18 mar. 2022. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2022/03/18/polonia-recebeu-mais-de-dois-milhoes-de-refugiados>. Acesso em: 14 out. 2022.

POLÔNIA usa canhões de água contra imigrantes na fronteira com a Belarus. **G1**, 16 nov. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/11/16/polonia-usa-canhoes-de-agua-contraimigrantes-na-fronteira-com-a-belarus-veja-video.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2022.

POR QUE a guerra da Síria continua após 11 anos? **BBC News Brasil**, 15 mar. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56378202>. Acesso em: 1 nov. 2022.

POR QUE a Rússia não quer a Ucrânia na Otan. **G1**, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/02/25/por-que-a-russia-nao-quer-a-ucrania-na-otan.ghtml>. Acesso em: 12 out. 2022.

QUAL o destino dos milhões de refugiados ucranianos. **BBC News Brasil**, 08 abr. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61021779>. Acesso em: 15 out. 2022.

REALS, T.; SUNDBY, A. Russia's war in Ukraine: How it came to this. **CBS News**, 23 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/ukraine-news-russia-war-how-we-got-here/>. Acesso em: 27 set. 2022.

REFUGIADOS na Polónia começam a regressar à Ucrânia. **Euronews**, 03 maio 2022. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2022/05/03/muitos-ucranianos-refugiados-na-polonia-comecam-a-regressar-a-ucrania#:~:text=Mais%20de%203%20milh%C3%B5es%20de,desde%20que%20a%20ofensiva%20come%C3%A7ou>. Acesso em: 13 out. 2022.

SAID, E. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SALTMARSH, Matthew. Cidade polonesa transforma ginásio em centro para acolher refugiados da Ucrânia. **ACNUR Brasil**, Medyka Polónia, 31 mar. 2022. Disponível

em:

<https://www.acnur.org/portugues/2022/03/31/cidade-polonesa-transforma-ginasio-em-centro-para-acolher-refugiados-da-ucrania/>. Acesso em: 5 out. 2022.

SANTOS, B. S. **Do Pós-Moderno ao Pós-Colonial**: E para além de um e outro. Minho: Centro de Estudos Sociais, Universidade do Minho, 2004.

SANTOS, B. S. Entre o próspero e o Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e Interidentidade. *In*: RAMALHO, I.; RIBEIRO, A. S. (org.). **Entre ser e estar**: Raízes, Percursos e Discursos da Identidade. Porto: Afrontamento, 2001.

SILVA, Bárbara Correia Florêncio *et al.* A história dos direitos dos refugiados e migrantes. **Politize!**, 23 nov. 2021. Disponível em:

<https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/historia-dos-direitos-dos-refugiados-e-migrantes/>. Acesso em: 1 nov. 2022.

SILVA, Daniel Neves. Guerra Civil Síria: causas e desdobramentos. **História do Mundo**. Disponível em:

<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-civil-na-siria.htm>. Acesso em: 1 nov. 2022.

SPIVAK, G. C. Can the subaltern Speak?. *In*: ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. (org.). **The postcolonial studies reader**. Londres: Routledge, 1988. p. 57.

UN. **Trends in International Migrant Stock**: Migrants by Destination and Origin.

Nações Unidas, Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais, 2015. Disponível em:

https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/docs/MigrationStockDocumentation_2015.pdf. Acesso em: 16 set. 2022.

